



**DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**JESSICA JOANNA EVANGELISTA MARQUES**

**A REPRESENTAÇÃO DO PERSONAGEM NEGRO EM *MEU TIO  
MATOU UM CARA*, DE JORGE FURTADO**

**GUARABIRA**

**2014**

JESSICA JOANNA EVANGELISTA MARQUES

**A REPRESENTAÇÃO DO PERSONAGEM NEGRO EM *MEU TIO MATOU UM CARA*, DE JORGE FURTADO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimentos às exigências para a obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva

**GUARABIRA**

**2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M357r Marques, Jessica Joanna Evangelista  
A representação do personagem negro em Meu tio matou um  
cara, de Jorge Furtado [manuscrito] : / Jessica Joanna Evangelista  
Marques. - 2014.  
29 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.  
"Orientação: Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva,  
Departamento de Letras".

1. Identidade e representação. 2. Negritude. 3. Meu tio  
matou um cara. I. Título.

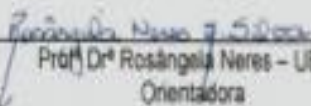
21. ed. CDD 320.56


JESSICA JOANNA EVANGELISTA MARQUES


**A REPRESENTAÇÃO DO PERSONAGEM NEGRO EM *MEU TIO MATOU UM CARA*, DE JORGE FURTADO**

Aprovado em 18 de julho de 2014.

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof.ª Dr.ª Rosângela Neres - UEPB  
Orientadora

  
Prof. Msc. João Paulo Fernandes - UFPB  
Examinador

  
Prof.ª Dr.ª Maria Neri de Freitas - UEPB  
Examinadora

Dedico este trabalho àquelas, que são de suma importância para mim, minha mãe Valdenir, minha avó Maria Alice e minha irmã Janielly. Àquelas que estão comigo em todos os momentos, com quem compartilhei meus tempos acadêmicos, com quem compartilho meus sonhos e que me impulsionam a ir além. À elas, todo meu orgulho, agradecimento e admiração.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, à minha mãe, ela que sempre está comigo. Por todo cuidado, zelo, dedicação, companheirismo, tanto na academia como em toda minha vida. Sem ela, este sonho não estaria sendo realizado.

À minha irmã, ela que, apesar de tão nova, é meu porto seguro. Minha avó Maria Alice, porque é ela que dá sentido à minha vida. Meu pai, que ao seu modo, dá-me base para continuar na concretização dos meus sonhos.

Aos meus familiares, por sempre acreditarem em mim, por cada incentivo, por cada ajuda, em qualquer ocasião. Aos amigos de longa data, àqueles da convivência acadêmica, todos eles contribuíram para minha evolução como pessoa, como profissional, compreenderam minhas ausências, sempre me estimulando a seguir na luta daquilo que almejo.

Aos meus mestres, da infância à universidade, eles que de tão especiais, são pessoas em quem me espelho, as fontes de minha inspiração. A três, deixo aqui registrado, meu abraço especial: à minha orientadora Rosângela Neres, por todo saber acadêmico compartilhado, por ser uma pessoa iluminada e ter iluminado minha vida; à professora Luana Francisleyde, ela, que sempre foi muito atenciosa comigo; ao professor João Paulo Fernandes, que foi meu professor por consideração, direcionando-me para os assuntos acadêmicos.

Enfim, agradeço as experiências vivenciadas nesses quatro anos. Elas me fizeram evoluir como pessoa e profissional. Me mostraram o quanto o saber – seja ele qual for – é importante, o quanto é vasto e como nos edifica. Que somos linguagem, viemos da linguagem e para a linguagem voltaremos.

*Para entrar na história como criadora de um grande Estado, uma raça deve ter não apenas energia e inspiração, mas também capacidade para vencer essa forte repulsão universal a misturar seu sangue com sangue de uma outra raça.*

Munanga

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo a representação do personagem negro, no conto (2002) e no filme (2004) homônimos, *Meu tio matou um cara*, de Jorge Furtado. Partindo da investigação da construção do personagem, os modos de olhar a imagem do negro na contemporaneidade, identificamos os deslocamentos que essa construção provoca, na tentativa de evidenciar o lugar que o negro possui nas atuais manifestações artísticas e culturais. Estabelecendo a relação entre o personagem protagonista Duca e a sociedade de classe média onde vive, é possível perceber que as ideologias de inclusão do negro nas bases socioculturais brasileiras ainda constituem uma discussão acentuada e uma luta de conscientização que norteiam o espaço que este ocupa na sociedade. Dessa maneira, através da análise de ambos os textos e da articulação com os estudos culturais, verificamos que a condição e o lugar do negro em nossa sociedade ainda atravessam um longo caminho de modificações e expectativas, pois a busca pela representação do personagem negro ainda enfrenta os estereótipos estabelecidos historicamente para sua construção enquanto sujeito ativo, participante dessa sociedade. Em consequência disso, mesmo quando o personagem foge ao padrão usual de representação da negritude, ainda assim ele enfrenta os preconceitos e julgamentos vigentes na sociedade, tornando-se ciente de sua condição. Apenas quando reconhecida tal condição é que a personagem pode imprimir voz a sua própria identidade.

**Palavras-chave:** Identidade e representação. Negritude. Meu tio matou um cara.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>2 O NEGRO E SUA REPRESENTAÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>3 LITERATURA E CINEMA: O NEGRO NAS MÍDIAS</b>	<b>19</b>
<b>4 O NEGRO VIVENDO (OU NÃO) SUA NEGRITUDE</b>	<b>24</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>28</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>30</b>

“Aprender a ler é condição de entrada na sociedade em que vivemos, mas aprender a ler e a reler a ficção é condição de entrada na civilização em que nos formamos.”

Gustavo Bernardo

## 1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, investigamos a representação do personagem negro em *Meu Tio matou um cara*, tanto no conto publicado em 2002, como no filme lançado em 2004, sendo Duca (Luís Eduardo), o personagem ao qual focamos.

Atentando-nos às suas particularidades e características, relacionamos as mesmas com os modos de representação do negro no cenário das artes, mais especificamente na literatura e no cinema, buscando compreender qual ideia do negro tem sido trabalhada e, conseqüentemente, difundida em nossos dias, tanto nessas mídias como na sociedade em que vivemos.

Pontuamos, então, algumas reflexões acerca do negro como sujeito do meio cultural em que está inserido. Destarte, consideramos que as representações do negro nessas artes, nada mais são do que o reflexo da triste realidade vivida por esse grupo em nosso meio – salvo algumas exceções, como no caso do personagem em análise.

Desse modo, Luís Eduardo e seus amigos Isa e Kid, vão em busca de provas que possam inocentar seu tio, tornando este, o motivo central para as narrativas se desenvolverem. É a partir da narrativa do garoto que tanto ele como nós leitores penetramos no universo de algumas das diferentes situações e contextos nos quais o negro está sujeito em nosso país.

Em *Meu tio matou um cara*, vemos representado ao longo da narrativa – seja ela literária ou fílmica – o contraste social, dando visibilidade a tal realidade a partir do momento em que Duca resolve investigar o crime ao qual seu tio Éder declara-se autor.

Diferentemente de muitos sujeitos, Duca não sente os preconceitos sociais referentes à sua cor. Devido sua condição social ser um pouco melhor

do que a de muitos negros brasileiros, o mesmo não está a par daquilo que acontece em outras realidades. É respeitado pelos seus colegas e aqueles que o rodeiam tem uma base familiar estável, uma condição financeira boa, apesar de encontrar pessoas que o atente para as particularidades referentes à sua cor.

Nas obras em discussão, encontramos realidades diversas vivenciadas pelos negros em nosso país. A contradição existente entre os que se dizem protegê-los e os que realmente tentam fazer uma sociedade mais justa é, em vários momentos, bem explícita.

Dessa forma, dividimos nossa discussão em três momentos: “O negro e sua representação”, em que focalizamos os estereótipos relacionados às etnias e raças, na sociedade brasileira; “Literatura e cinema: o negro nas mídias”, em que apontamos as leituras da imagem do negro nas artes em comparação ou complementação; e, por sua vez, “O negro vivendo (ou não) sua negritude”, na qual mostramos como o personagem Duca toma conhecimento das condições pré-estabelecidas e vivências por sua etnia, em *Meu tio matou um cara*. . Para tanto, utilizamos como referenciais teóricos: Bauman (2005), Bernardo (2010), Laraia (2009), Munanga (2008), dentre outros.

## 2 O NEGRO E SUA REPRESENTAÇÃO

Não é novidade que, em nossa sociedade, existe uma série de conceitos pré-estabelecidos em relação a alguns grupos étnico-sociais e de gênero, tais como: os negros, os homossexuais, a mulher, dentre outros. Tidos geralmente como minoria, esses grupos enfrentam o peso dos estereótipos e são representados como uma parte frágil da sociedade, seja cultural ou socialmente.

No caso dos negros, a condição histórica revela uma manutenção desses estereótipos. Nossa sociedade, apesar de toda a historicidade relacionada à escravidão, ainda preserva o preconceito característico dos grupos escravocratas. Sendo assim, a questão racial em que vivemos é algo que nos leva a contínuas reflexões, por ser de caráter particular e, minuciosa. A representação desse negro na sociedade brasileira e, conseqüentemente nas artes e na literatura, ganha a mesma visão dos contextos que vivenciamos.

As conseqüências negativas geradas por causa da escravidão em muitos países, fez com que além daqueles que foram escravizados, os das gerações futuras que trazem em sua pele essa herança genética, também sofressem preconceito, marginalização, também fosse culpados, por um “crime” que ninguém cometeu.

A cultura africana vem influenciando no conjunto de costumes dos diversos povos. Existindo fortes evidências de um continuado intercâmbio e troca de afinidades em que prevalecem e se difundem, ao longo do tempo, certas características da civilização africana. Essa suma, esses valores estiveram presentes em todos os cantos do mundo antigo e permeia grande parte dos espaços sociais modernos.

Desse modo, nosso país absorveu grande parte dessa cultura e costumes, desse povo que tinha no cerne de sua existência uma história já construída e bem enraizada em suas comunidades, e que aqui, junto com as mais diversas culturas trazidas para cá, construiu a identidade do nosso povo.

Infelizmente, essa história foi pouco a pouco extorquida, submetida às novas culturas que subjugaram os antepassados desses povos. As mesclas que decorreram da união do povo africano e os portugueses construíram

novos descendentes e criaram novas extensões de uma cultura que sempre procurou reafirmar-se, mesmo com toda perseguição em relação as suas manifestações, independente do âmbito onde atuaram/atuam. Construiu-se uma alusão negativa em cima daquilo produzido pelo negro, firmou-se um cerco inibidor em torno destes indivíduos como de sua cultura.

Assim, a diversidade de pensamentos, experiências, e conseqüentemente as identidades, foram castradas pela diferença, sobretudo, a diferença de cor, fazendo com que o que servisse de base para formação de nossa sociedade fossem conceitos do dominador, do colonizador, permitindo que a cultura e o padrão europeu se sobrepusessem à história e cultura africana.

Muitos dos arquétipos criados e que continuam prevalecendo em torno do negro são depreciativos, em sua maioria, causados pela grande disparidade social ainda em vigência. Rodrigues (2011) afirma que "(...) 120 anos depois da Abolição, só na última década do século XX os negros começaram a ser lentamente absorvidos pela sociedade de consumo e pelo sistema político". Nesse sentido, a preocupação por parte de alguns em relação a como o negro é visto em nosso país é grande, como também nas obras em que é representado.

Pensando na negritude, e em seus estereótipos, é visível o quanto ainda carregam ideologias arcaicas que, por sua vez, são preconceituosas. Partindo desse pensamento poderíamos nos perguntar: "O que é ser negro?", "O que representa a negritude?", "Será que existem traços biológicos ou culturais que justifiquem a segregação de um povo?", questões que permeiam o universo das diferenças socioculturais no Brasil.

Não nos cabe, entretanto, fornecer respostas para essas perguntas, pois a investigação em torno de questões socioculturais, na base da sociedade brasileira, é ainda muito complexa e requer análises mais longas. Mas não descartamos de todo esses questionamentos, pois procuramos entender como a literatura e o cinema, representam o personagem negro sob sua ênfase.

Dessa forma, o modo como o negro é representado tanto na literatura quanto no cinema reflete aquilo que estamos habituados a ver cotidianamente. O tratamento que ambas as artes dão aos afrodescendentes, muitas vezes contribui para reforçar os estereótipos em uso no nosso meio social. Rodrigues

(2011, p. 21) atenta para os diferentes modelos de estereótipos relacionados ao negro e sua representação nas artes, tais como:

- Preto Velho: são os responsáveis da transmissão de contos, lendas e genealogias, através da oralidade;
- Mãe Preta: eram as amas de leite, aquelas que amamentavam os filhos dos senhores;
- Malandro: ele é um dos tipos mais encontrados, na maioria das vezes representado como mulato, e não propriamente negro, reunindo características de quatro orixás do candomblé: a instabilidade e o erotismo de Xangô, a mutabilidade e a esperteza de Oxóssi, a violência e sinceridade de Ogum e, a ambivalência e o abuso de confiança de Exu;
- Favelado: confundido algumas vezes com o malandro, o favelado é o homem honesto, trabalhador, sambista nas horas vagas, humilde e amedrontado com a violência e as autoridades;
- Mulata Boazuda: o equivalente ao malandro do sexo feminino, firmando esse arquétipo no teatro de revista.

A forma como o negro tem sido visto nos dias atuais, não difere, ou se modifica pouco, da concepção empregada séculos atrás, sendo modificadas de acordo com as interferências sociais ocorridas ao longo do tempo. Percebemos que enquanto alguns indivíduos e/ou grupos lutam para que exista igualdade social, outra parte insiste em continuar propagando o desrespeito, seja onde for, seja no mundo “real” ou no “ficcional”.

Porém, desvinculado dos padrões acima citados, surge o personagem de nossa análise, Luís Eduardo, o Duca. Mesmo sabendo da cor de sua pele, o menino não tem ideia do problema social relacionado à mesma. Ele, como narrador de sua própria história, não se dá conta de certos aspectos sociais, visto que está distante dos lugares onde o preconceito ocorre em maior evidência. Portanto, só a partir do suposto crime cometido pelo seu tio Éder, é que sua perspectiva em relação à realidade racial se apresenta.

Iniciando a discussão pela classe social, vivendo em uma realidade paralela à marginalidade a qual estão expostos outros cidadãos brasileiros, Duca é um adolescente de classe média que mora longe das favelas e dos

lugares relegados pela sociedade para a figura do negro. Estuda em um bom colégio e não se sente inferiorizado pelos os que o cercam, como vemos neste trecho:

Todo mundo na escola trata os outros quase sempre mal, brigando chamando de idiota, essas coisas. Mas se você é negro e chamam você de idiota, sempre tem uma professora que defende você mais do que precisava e briga com o cara, como se ele tivesse chamado você de idiota só porque você é negro. (FURTADO, 2009, p. 14).

Mesmo que a consciência de Duca em torno da condição do negro na sociedade brasileira não seja totalmente nula, vemos que ele desconhece a problemática que outros poderiam enfrentar na mesma situação, em decorrência da cor.

Assim, em razão da sua condição social e seu distanciamento da periferia, e dos altos índices de preconceito, Duca não enfrenta as dificuldades, as desigualdades e/ou preconceitos da mesma maneira como a maior parte da população negra enfrenta, pois com uma base familiar diferente do que se vê cotidianamente, os pais do garoto o protegem dessas situações. Seu tratamento diferenciado começa no lar, onde seus pais tentam dar ao garoto um tratamento que poucos conseguem oferecer aos seus filhos, tendo em vista a disparidade econômica existente em nosso país.

Uma das inúmeras situações onde vemos esta proteção, está neste fragmento, quando o garoto pede aos pais para visitar seu tio no presídio:

Eu perguntei se eu podia visitar ele na prisão e o meu pai disse que achava que sim, que não tinha problema, mas a minha mãe disse que podia ser perigoso. Meu pai disse perigoso por quê? E minha mãe não disse mais nada mas fez uma cara de não sei. (FURTADO, 2002, p. 21).

O medo que a mãe do garoto tem em ele passar por alguma situação danosa, no momento em que o mesmo visitasse seu tio, já que ela entende que localização do presídio onde Éder está não é um lugar onde deseje que seu filho esteja, mostra a zona de conforto que a família criou para o menino.

Assim, à medida que a narrativa se desenvolve, encontramos momentos parecidos com esse, em que o jovem é protegido. Esses espaços irão, pouco a pouco, mesclar-se com contextos que tentam indicar ou que indicam que ele é privilegiado. Parece ser obrigatório lembrar ao sujeito qual é a sua condição na

sociedade, em decorrência de sua cor, como se ser negro fosse uma classificação para delimitar espaço e local de pertencimento.

Quase sempre era chato ser o único negro. Quer dizer, têm uns que olham para você de longe achando estranho você ser negro e nunca falam com você, têm os que falam e não se importam de você ser negro, e têm os que falam com você só pra mostrar para os outros que não se importam em você ser negro. (FURTADO, 2002, p.14)

O companheirismo de seus amigos Kid e Isa, e de outros colegas da escola, acaba por lhe proporcionar aconchego dentro do âmbito escolar. Sem que se sinta pressionado pela condição social de sua cor. O mesmo, por ser o único aluno negro de sua escola – porque o outro negro é o porteiro, o Genésio –, não se sente acuado enquanto alguns tentam mascarar o preconceito que sentem, ou dos que tentam contato, só para não serem chamados de racistas, como também, dos outros não fazerem questão de manter qualquer contato com o personagem.

Voltando-nos para o autoconhecimento de Duca, o caso desse personagem não é algo isolado, pois nem sempre os sujeitos que sofrem o preconceito racial, estão atentos a essa hostilização por parte da sociedade. Dessa forma, Laraia (2009, p. 82) aponta que: “Um indivíduo não pode ser igualmente familiarizado com todos os aspectos de sua sociedade; pelo contrário, ele pode permanecer completamente ignorante a respeito de alguns aspectos”. Entendemos que se torna impossível para qualquer indivíduo participante das esferas da sociedade dar conta de todos os assuntos que nela exista, da sua infinidade de aspectos e perspectivas.

Tendo como pauta a negritude, para alguns torna-se difícil se intitular como negro, em vista do preconceito relacionado à cor. Com Duca, não acontece o mesmo, pois quando ele fala da sua família, nos remete a mistura étnico-racial existente em nosso país: “Meu avô era branco e minha avó é meio negra. Meu tio é negro e meu pai é quase branco. Eu sou quase negro e quase sempre o único negro da minha aula.” (FURTADO, 2002, p. 13). Ele não se esconde na sua cor, e entende sua família como o resultado da diversidade existente no Brasil, mas, de uma forma ou de outra, percebe que não existem muitos iguais a ele na escola onde estuda.

Munanga ( 2008, p.77) afirma que:



O mito de democracia racial, baseada na dupla mestiçagem biológica e cultural entre as três raças originárias, tem uma penetração muito profunda na sociedade brasileira: exalta a ideia de convivência harmoniosa entre os indivíduos de todas as camadas sociais e grupos étnicos, permitindo elites dominantes dissimular as desigualdades e impedindo os membros das comunidades não-brancas de terem consciência dos sutis mecanismos de exclusão da qual são vítimas na sociedade.

Há um intuito por parte daqueles pertencentes à elite branca, daqueles que estão longe da periferia, de mascarar os preconceitos e fazê-los parecer um exagero ou uma irrealdade. O caso da família de Luís Eduardo é um fenômeno isolado em relação à quantidade de outras famílias negras ou descendentes de negros que estejam na classe média.

Mesmo entendendo a mistura racial na formação de sua família, o personagem, ao ser obrigado a adentrar outras realidades mediante o suposto crime cometido pelo seu tio, Duca percebe que sua situação é contrastante em relação aos demais negros. É, portanto, nesse momento que ele tem subsídio para mostrar a realidade das esferas sociais no Brasil.

Percebendo que usufrui de privilégios dos quais boa parte da sociedade não tem acesso, Duca observa as distinções sociais e o modo como a sociedade brasileira ainda concebe os estereótipos em relação à figura do negro. Fica evidente o quanto o poder aquisitivo interfere na rotulação das classes, raças e etnias.

Um exemplo dessa disparidade sócio econômica, acontece quando é relatado o suposto assalto a Isa e Duca, quando ambos voltam da visita ao tio Éder, no presídio. Os dois estão na parada de ônibus, quando três rapazes aparecerem, e pedem para ver os CDs que os meninos tinham comprado na ida para o presídio. Isa se assusta com os moradores daquela comunidade (a Favela de Porto Alegre), e acredita que os mesmos eram assaltantes. Além deles trazerem uma caracterização diferente da do seu amigo, vivem em uma condição contrária. A menina narra aos amigos do colégio fatos que não aconteceram, caracterizando os indivíduos que os abordaram como marginais perigosos, portando armas brancas, usando palavras pejorativas e pedindo os CDs que eles traziam. As pessoas que a ouvem acreditam em sua narrativa,

por já terem assimilado o conceito de que o negro localizado no ambiente da favela é perigoso.

Sobre a repetição de estereótipos sociais e arquétipos no cinema, Rodrigues (2011) aponta que:

Um dos questionamentos mais frequentes feitos ao cinema brasileiro por intelectuais e artistas negros é o de que nossos filmes não apresentam personagens reais individualizados, mas apenas arquétipos e/ou caricaturas: 'o escravo', 'o sambista', 'a mulata boazuda'. A acusação é pertinente, embora o cinema brasileiro moderno prefira em geral personagens desse tipo, esquemáticos ou simbólicos, negros ou não.

As contradições mostram que, tanto na ficção como na nossa realidade, o negro ainda carrega o peso do preconceito de sua cor, como se ser de cor desse vazão a diversos problemas sociais, como se a cor fosse relevante na participação de alguém em sua comunidade; ou a extrema necessidade de ritualiza-lo, em desculpas pelo fardo que carregaram seus antepassados.

### 3 LITERATURA E CINEMA: O NEGRO NAS MÍDIAS

Nós, enquanto seres comunicacionais, temos o privilégio de podermos contar tudo aquilo pelo qual vivemos neste mundo. As histórias narradas pelo diferentes povos, de diferentes culturas, transformaram-se em um grande legado para nossa espécie, acompanhando a vida desde sua primeira manifestação, mesmo que alguns acontecimentos tenham sido repassados bom tempo depois de sua aparição, já com a formação das pequenas civilizações.

A narração está bem enraizada nas culturas, cada uma com seu jeito de viver, suas ideologias, repassam ao seu modo, suas experiências de vida para aqueles que não presenciaram determinado fato, através da linguagem, em suas múltiplas facetas, encadeamentos sígnicos, como em suas acepções simbólicas.

(...) a linguagem condensa, cristaliza e reflete as práticas sociais, ou seja, é governada por formações ideológicas, ao mesmo tempo, porém, em que é determinada é determinante, pois ela 'cria' uma visão de mundo na medida em que impões ao indivíduo uma certa maneira de ver a realidade, constituindo sua consciência. (FIORIN, p. 54, 2007)

Com isso, à medida que o tempo passou, o homem diversificou e “lapidou” a forma de expressar o que desejasse, dando origem às expressões artísticas. Em *Meu tio matou um cara*, palavras e imagens unem-se para enumerar os espaços referentes à reflexão sobre uma problemática social.

Desse modo, as comparações entre literatura em cinema, em que se coloca a noção de superioridade do texto literário em relação à adaptação, e a qualidade desta diretamente ligada à fidelidade que apresenta em relação a obra literária, são desconstruídas pela força temática e particularidades existentes em cada meio, devendo nos preocupar, primeiramente, com as discussões propostas por essas mídias, como a arte da ficção e sua verossimilhança, como nelas são construídas as ideologias, os paradigmas, os entremeios e significados da realidade. “Para nós, humanos, a ficção é tão real quanto o chão em que pisamos. Ela é esse próprio solo. O nosso suporte no mundo.” (HUSTON, 2010, p. 26).

Nossas sensações e percepções daquilo que está ao nosso redor, são resultado de nossos pensamentos, nossas fabulações; é de acordo com nossas fabulações que temos o ponto de partida para transformamos nosso eu, e refletir sobre o mundo que nos cerca. Somos feitos de ficções, é por meio delas que sentimos, aprendemos compartilhamos e repassamos o que estamos vivendo. Assim, ela é a ferramenta indispensável para que possamos narrar.

O homem, único animal que produz narração é também único a criar ficção. É o único ser vivo que cria uma aparência de realidade para enganar a si próprio ou a seus similares. Todos os outros seres interagem com a realidade material, e apenas nós não estamos satisfeitos, nos levando a alterar, e concebermos ao nosso modo, a realidade que tanto desejamos.

Confrontando com as ameaças de fora (do mundo) e de dentro (de si mesmo), o ser humano reage fabulando: atribui sentido ao se lhe apresenta sem sentido. Essa reação fabuladora é que nos constrói a civilização e as suas instituições. A ficção é menos uma diversão do que um escudo contra as ameaças externas e internas, obrigando-nos a narrar uma luta interminável: o drama que nos constitui. (BERNARDO, p.20, 2010)

Sendo a negritude, uma importante realidade a ser discutida, tanto ideologicamente no contato do dia-a-dia, como em suas representações artísticas, compreendemos por meio destas obras, alguns dos estereótipos aos quais, os negros são referenciados. Sendo eles, com um cunho depreciativo, ou erótico. Nas ficções, a negritude ocupa geralmente espaços bem definidos, na periferia dos conceitos de caráter, virtude e moral.

Enquanto nestas obras, vemos outro tipo de representação, onde o personagem em foco é protegido e bem tratado por aqueles que o cercam, outra representação nos é apresentada: a de que a maioria de seus semelhantes não vive em igual condição.

Portanto, o encadeamento de ficções transformado em significados e sensações acabam tornando a literatura mais do que um meio de entreter. Ela tem propensão a nos tornar seres mais reflexivos. Souza (2007, p. 10) acrescenta que: "(...) devemos dizer que a literatura é um produto cultural que surge com a própria civilização ocidental, pelo fato de que textos literários figuram entre os mais remotos da existência dessa civilização."

Em *Meu tio matou um cara*, os espaços ficcionais que nos são apresentados, remetem a espaços/situações que presenciamos rotineiramente, como o lar familiar, um momento de descontração entre amigos, a descoberta de outro modo de viver, como o da favela, enfim, inúmeros pontos. Leva-nos a repensar a realidade da negritude em nosso país, que, tanto tempo depois da escravidão, ainda não encontrou total liberdade social.

Duca, mostra-se como narrador-personagem em ambos os textos, o literário e o fílmico, o que acrescenta uma marca sociocultural à ficção: uma situação de etnia, contada a partir de um de seus representantes.

Meu tio matou um cara. Pelo menos foi isso que ele disse. Eu estava assistindo televisão, um programa idiota em que umas garotas gostosas ficavam dançando. (...) Meu pai veio da cozinha. Ele avisou que vinha? Minha mãe respondeu não, por quê? Meu pai disse nada, só pra saber se ele vai jantar. Ele voltou para a cozinha e a campainha tocou. Minha mãe abriu e meu tio Éder entrou. (FURTADO, p. 7, 2002)

Essas delimitações feitas pelo garoto, que dão forma e sentido nestas obras, mesmo que no texto fílmico, ele fique em segundo plano como narrador. É a partir desse “recorte ficcional” que tanto no conto, como nas imagens do filme, iremos ter conhecimento de alguns pontos que gerarão os sentidos referenciados aos intertextos existentes naquele que lê/assiste. Serão citadas pelo mesmo, características de espaços, pessoas, objetos comuns para que a partir daí, tenhamos base para as possíveis interpretações.

O espaço ficcional dado ao narrador-personagem é o condutor da ação, ação essa que a impulsiona a narrativa ou promove o conflito. Assim o autor lega ao personagem a tarefa tanto de narrar. Sendo assim, como afirma Brait (2006, p.61) o personagem acaba “... expondo sua interioridade de forma a diminuir a distância entre o escrito e o ‘vivido’.”

Percebemos como em *Meu tio Matou Um Cara* a presença do personagem em enfoque é forte, pois Duca está narrando e vivendo a história ao mesmo tempo. A literatura oferece maior dimensão ao narrador e o cinema oferece maior possibilidades ao personagem.

É a partir do seu ponto de vista que a narração toma forma. Luís Eduardo vai questionar além do suposto crime cometido por seu tio, seus próprios sentimentos, e os dos demais em relação a ele. Questiona alguns

pontos dos acontecimentos, como a forma que supostamente o tio usou para matar o ex-marido de sua namorada, tudo que para ele não teve explicação satisfatória, acreditando desde o início que seu tio era inocente.

Adiante, ele percebe a problemática racial e a condição social em que vivem outros negros, construindo a ficcionalização da realidade.

Uma obra de arte, entendida dinamicamente, é apenas este processo de organizar imagens no sentimento e na mente do espectador. É isto que constitui a peculiaridade de uma obra de arte realmente vital e a distingue da inanimada, na qual o espectador recebe o resultado consumado de um determinado processo de criação, em vez de ser absorvido no processo à medida que este se verifica. (EISENSTEIN, p. 29, 2002).

Assim, observamos que Duca propõe ao leitor/espectador que participe da construção dos significados. Suas “pistas”, deixadas ao longo da narrativa como formas de levar ao desvendamento do crime cometido pelo tio, é também uma maneira de fazer ver outras situações daquela realidade, gerando a partir daí o conflito. O espaço diegético da literatura e do cinema encarrega-se, então, de nos apresentar o conflito e somos convidados a ressignificar a realidade.

A representação é um exemplo da ressignificação, pois é um substrato da realidade, ou seja, o modo como a ficção observa um objeto. O personagem Duca é representado pela própria representação social de sua etnia, uma vez que o ponto de vista da ficção é o dele. Em contrapartida, a sociedade possui uma versão de representação do adolescente negro diferente da que Duca tem de si próprio. Além disso, os demais personagens negros da narrativa apresentam particularidades, mas coadunam os estereótipos que a sociedade tem da cultura e da cor, do diverso e do diferente. O contato que se pensa ter com as imagens projetadas na arte fílmica quebra as barreiras que existem em outras artes. Com o movimento das imagens, os sons, junto com as técnicas desenvolvidas ao passar do tempo, temos a sensação de ela ser mais palpável que outras expressões artísticas. É o espectador tendo conhecimento sobre o espaço do outro, sobre o sentimento do outro, sorvendo aquilo que o outro pode oferecer enquanto visto como produto artístico.

O cinema faz uso da ilusão precisamente por ser uma sequência de fotografias postas em movimento, sonorizadas e então projetadas em uma determinada área; precisamente por ser uma arte baseada na realidade, como se, ao explorar a ilusão, ele reconhecesse sua inabilidade em compreender e reconstruir essa estranha realidade que até os cientistas hesitam em nomear. (CARRIÈRE, 2006, p. 62).

É a imagem animada que confere aos filmes, o seu poder de comunicação universal, colaborando com a literatura na construção de conceitos coletivos e/ou subjetivos, dando um caráter a certas problemáticas a função de inquietar àqueles que estão no nosso mundo real. As ficções que antes perturbavam os leitores, com o surgimento da arte cinematográfica viraram imagens, como também, outras ficções que ainda não estavam na folha de papel.

No cinema, como em todos os outros meios, contar uma história impõe uma disciplina própria. Temos que seguir uma ordem definida, incluir informação específica, apresentar a narrativa à plateia de forma coerente. (CARRIÈRE, p.182, 2006)

Assim, as artes, como importantes propulsores na divulgação de ideologias, tornam suas materialidades um meio de veiculação para a discussão de realidades diversas, nas quais abordar temas como a negritude, o preconceito e o racismo é possível.

#### 4 O NEGRO VIVENDO (OU NÃO) SUA NEGRITUDE

Desde sua chegada ao Brasil, os povos africanos foram obrigados a “adequarem-se” ao ambiente sociocultural aqui existente. Por muito tempo, foi negado a esses indivíduos o direito de cultuar seus deuses, de falarem suas línguas, e mais ainda, negaram para estas pessoas o direito de viver dignamente, como também o reconhecimento pelo trabalho árduo feito pela sua mão-de-obra.

Os reflexos dessa realidade são a constituição desigual da base social brasileira, na qual a grande população negra, por falta de condições de trabalho e sustento, é pobre, iletrada e marginalizada pelos demais segmentos da população. E suas representações na sociedade são geralmente ligadas aos estereótipos construídos em torno de sua cor e raça.

Sendo a multiplicidade racial um fator relevante na construção sociocultural do nosso povo, as condições para inserção do negro após a abolição continuam sendo muito deficientes. Esses cidadãos que aqui estavam, e que por aqui se ramificaram, estavam a mercê dos direitos dos ditos cidadãos de bem, mas que na verdade, eram opressores.

Quando foram declarados livres, a maioria deles não tinha como sobreviver fora das senzalas, a sociedade não estava preparada ideologicamente para integrá-los, a estrutura social não era compatível com as mudanças que aconteciam nesse recorte histórico; como também não os capacitaram para essa mudança de atividade. Sabemos que esta realidade não mudou por completo, poucos dos demais indivíduos que atendem pelos grupos chamados de “minorias”, conseguiram driblar as adversidades sociais, que são consequentemente econômicas, e ter, principalmente, consciência do que lhe é de direito, como brasileiro.

Sendo dadas as desigualdades entre as raças, seriam necessárias modificações na responsabilidade penal. A regra do contrato na sociedade brasileira, que considera todos os indivíduos iguais perante a lei, que é uma medida de defesa social, converte-se em pura repressão: índios, negros e mestiços não têm a mesma consciência do direito e do dever que a raça branca civilizada porque ainda não atingiram o nível de desenvolvimento. psíquico, seja para discutir seus atos, seja para exercer o livre arbítrio. (MUNANGA, 2008, p.51).



Dando continuidade as falhas de outrora, setores como a saúde, a educação e moradia continuam em situação precária, para atender esta parcela da população. Estes fatos contribuíram então, para que os mesmos continuem a travar batalhas, batalhas estas, que acontecem durante séculos, e mesmo havendo uma melhora, ainda não é em sua totalidade.

A civilização só desenvolve quando uma nação conquista outra. E a conquista faz com que uma nação sem força e sem poder encontre-se, de repente, nas mãos de mestres vigorosos e seja chamada a compartilhar com este novo e melhor destino. Seguem novas conquistas, o que faz crescer a riqueza, nascer o comércio; os estrangeiros aumentam nas cidades da região civilizada. Mas somente um povo soberano, com propensão para misturar-se a um outro sangue, se mistura rapidamente com um povo inferior. Na mistura, as distinções de raças engendram múltiplas castas sociais; finalmente, o sentido aristocrático e o sentido da superioridade da raça cedem lugar à degenerescência democrática e ao senso de igualdade.” (MUNANGA, 2008, p. 43)

A tendência europeia de se definir como pertencente a uma raça superior acarretou uma série barbáreis. No nosso país, o resultado não foi diferente, a tortura com os índios no começo do processo exploratório em terras tupiniquins, e depois a servidão do negro, fizeram com que, tanto o índio quanto o negro, fossem tratados como marginais.

Apesar de toda a adversidade, a miscigenação fez com que diminuíssem, ao longo do percurso histórico, as delimitações de cunho social. Hoje em dia estamos cientes da diversidade, dando mais vida a nossa história, mostrando o quanto essas diferenças nos caracterizam, e como foram decisivas para a construção da nossa identidade, enquanto sociedade brasileira.

Considerando que a ideia de identidade e de cultura se delineia em torno de muitos fatores, inclusive aqueles relativos à diversidade, fez-se inevitável eliminar as discussões em torno das chamadas “minorias” e seus locais de pertencimento.

Para a distinção dos grupos sociais foram fundindo-se padrões, arquétipos consolidados. No caso do conceito de negritude, é importante observar que ainda são divergentes os marcos da importância que a cultura

negra teve em nosso país, assim como ainda é latente o preconceito que se mantém em torno dessa população.

As informações que constroem os arquétipos são fundamentais para a distinção de cada ser, enquanto indivíduo e produto do meio. Esse desmembramento caricatural de um dado padrão comportamental implicará uma série de questionamentos vinculados ao sentido que essa mudança ocasionará. Tudo aquilo que foi unido (culturas), imposto, e trabalhado durante o decorrer da história de um povo refletirá em sua identidade. Mas isso não quer dizer, que deva ser excludente.

Tanto de forma individualizada como coletiva, as experiências de mundo irão esboçar essa identidade. São ideias que se constroem mediante às diferenças, diferenças essas presentes em diversos aspectos.

A questão da identidade só surge com a exposição a 'comunidades' da segunda categoria – e apenas surge porque existe mais de uma ideia para evocar e manter unida a 'comunidade fundida por ideias' a que se é exposto em nosso mundo de diversidade e policultural. É porque existem tantas dessas ideias e princípios em torno dos quais se desenvolvem essas 'comunidades de indivíduos que acreditam' que é preciso comparar, fazer escolhas, fazê-las repetidamente, reconsiderar escolhas já feitas em outras ocasiões, tentar conciliar demandas contraditórias e frequentemente incompatíveis." (BAUMAN, 2005, p. 17)

Referenciam certa circunstância ao qual grupo este ou aquele indivíduo "pertence", tendo em vista que essa caracterização funcionará como "chave" para a entrada e permanência no grupo escolhido (ou determinado), como no caso dos negros e brancos, sem levar em conta que mesmo sendo produtos do meio, cada um responde de forma diferente ao que vivencia. É difícil ser aceito por suas escolhas, devido a nossa herança cultural; o estranhamento causado em decorrência desse pensamento massificador ao se chocar com o que trilha um caminho diferente.

Questões que perpassam até a naturalidade (o fato de pertencermos a uma única raça: a raça humana) dos mesmos estipulando os lugares de superioridades para uns, e para outros de inferioridades, sem propiciar a igualdade, levando em conta para esses julgamentos fundamentados em ideologias vazias. Logo, o preconceito acontece e toma forma em um ambiente onde as pessoas são bitoladas, aprisionadas em suas próprias mentes.

O impulso na direção de uma 'comunidade de semelhança' é um signo de recuo não apenas em relação à alteridade externa, mas também ao compromisso com a interação interna, ao mesmo tempo intensa e turbulenta, revigorante e embaraçosa. A atração de uma 'comunidade da mesmidade' é a da segurança contra os riscos de que está repleta a vida cotidiana num mundo polifônico. Ela não reduz os riscos, muito menos os afasta. Como qualquer paliativo, promete apenas um abrigo em relação a alguns dos efeitos mais imediatos e temidos desses riscos. (BAUMAN, 2004, p.134).

A desunião existente entre os que se achavam superiores, e os considerados inferiores, disseminaram discordâncias, não havendo equilíbrio para uma assimilação das culturas em questão.

Criou-se em torno dele um cerco inibidor impedindo a interação e participação deste sujeito de forma satisfatória. Quase sem condições para que o mesmo mudasse sua história, impossibilitando até que sua riqueza enquanto indivíduos culturais fosse apreciada por todos, não reconhecendo sua participação na caracterização de nossa cultura.

Afinal, cultura não é uma questão de delimitar espaços, é um modo de organização e construção de características próprias; criadas e modificadas à medida que o tempo passa, como Eagleton (2011) expõe: "A cultura não é alguma vaga fantasia de satisfação, mas um conjunto de potenciais produzidos pela história e que trabalham subversivamente dentro dela."

Ou seja, mesmo que as condições e posições sociais sejam diferentes daquelas que os africanos encontraram quando chegaram, e seus descendentes tiveram que se habituar às necessidades impostas pela vida em comunidade, tem-se muito por fazer. A literatura e o cinema nos levam, então, a uma reflexão de como essas transformações, na realidade, ainda não aconteceram. Duca, em *Meu tio matou um cara*, é um exemplo de como a população negra ainda enfrenta as barreiras dos estereótipos e preconceitos em nossa sociedade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A condição e o lugar do negro em nossa sociedade ainda atravessa um longo caminho de modificações e expectativas. A representação do personagem negro nas artes ainda leva consigo muitos estereótipos estabelecidos historicamente para sua construção enquanto sujeito ativo, participante dessa sociedade.

Com nossa pesquisa, observamos que, mesmo quando o personagem foge ao padrão usual de representação da negritude, ainda assim ele enfrenta os preconceitos e julgamentos vigentes na sociedade, tornando-se ciente de sua condição. Apenas quando reconhecida tal condição é que a personagem pode imprimir voz a sua própria identidade.

Cria-se em torno deste personagem um cerco inibidor, impedindo a interação e participação do sujeito de forma satisfatória no nosso meio social. As desigualdades sociais vividas pelos negros em nossa sociedade são bastante evidentes, sendo transpostas com uma ou outra modificação para o meio ficcional. Dificilmente o negro é exposto desvinculado dos padrões historicamente construídos.

O conto e o filme de Jorge Furtado perpassam a representação do personagem negro que descobre, paulatinamente, a sua condição na sociedade. Respeitado em partes por ser de classe média alta, frequentar ambientes típicos da sociedade da qual participa, a escola, os cinemas, os *shoppings*, convivendo muito pouco com os usuais problemas que os negros inseridos em outra classe enfrentam.

Entretanto, na tentativa de provar a inocência do tio Éder, Duca inicia uma jornada de reflexões acerca das condições do negro na esfera social brasileira. Suas incursões nos subúrbios e periferias da cidade o fazem questionar os paradigmas utilizados para classificar os sujeitos por seus papéis e suas ações, mas, independentemente desses fatores, o contínuo resgate de estereótipos utilizado para essa classificação.

Assim, o que percebemos através dessas mídias, é que, em relação à representação da negritude, ainda há muito o que ser trabalhado, muito o que ser transformado, até podermos pensar o personagem negro como

representante da diversidade brasileira e não somente como vitimado aos estereótipos e preconceitos.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 2006.
- BERNARDO, Gustavo. **O livro da metaficção**. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.
- CARRIÈRE, Jean-Claude. **A linguagem secreta do cinema**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- EISENSTEIN, Sergei. **O sentido do filme**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2007.
- FURTADO, Jorge. **Meu tio matou um cara e outras histórias**. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- HUSTON, Nancy. **A espécie fabuladora**. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- LARAIA, Roque de B. Da natureza da cultura ou da natureza à cultura. In: \_\_\_\_\_. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- METZ, Christian. **A significação no cinema**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- RODRIGUES, João Carlos. **O negro brasileiro e o cinema**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.
- SOUZA, Roberto Acízelo Quelha de. **Teoria da literatura**. São Paulo: Ática, 2007.
- TODORO, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2011.